

**DO SCHOLA AQUITANICA (1583) AO RACIONALISMO  
ILUMINISTA: ENSINO DE LATIM, DO HUMANISMO CRISTÃO  
AO PERÍODO SECULAR NA FRANÇA**

*Melyssa Cardozo Silva dos Santos* (UFF)  
[cardozomelyssa@id.uff.br](mailto:cardozomelyssa@id.uff.br)

*Leonardo Ferreira Kaltner* (UFF)  
[leonardokaltner@id.uff.br](mailto:leonardokaltner@id.uff.br)

**RESUMO**

É objetivo de nossa comunicação é debater, a partir dos fundamentos teórico-culturais da disciplina de Historiografia da Linguística (HL), o ensino de Latim em dois contextos históricos na França: o renascimento e o iluminismo secular. Para tal intento, nos valem da análise da *octavus ordo* (oitava classe) da obra *Schola Aquitanica* (VINET, 1583), que pressupunha o estudo das cartas de Cícero, no original, em contraste com o pensamento iluminista francês no ensino de Latim, que tinha por pressuposto o ensino vinculado à tradução, conforme o pensamento linguístico Du Marsais. A passagem de um período histórico ao outro denota uma diferença de abordagem do pensamento linguístico no ensino da língua latina, como apresentaremos.

**Palavras-chave:**

Língua Latina. Schola Aquitanica. Historiografia da Linguística.

**ABSTRACT**

Based on the theoretical and cultural foundations of the Historiography of Linguistics (HL) subject, the objective of our communication is to discuss the teaching of Latin in two historical contexts in France: the Renaissance and the secular Enlightenment. For this purpose, we make use of the analysis of the *octavus ordo* (eighth class) of the work *Schola Aquitanica* (VINET, 1583), which presupposes the study of Cicero's letters, in the original, in contrast to the French Enlightenment thought in the teaching of Latin, which had as a presupposition the teaching linked to the translation, according to the linguistic thought of Du Marsais. The passage from one historical period to the other denotes a different approach to linguistic thinking in the teaching of the Latin language, as we will present.

**Keywords:**

Latin Language. Linguistics Historiography. Schola Aquitanica.

**1. Introdução: Historiografia da Linguística e o Schola Aquitanica**

O presente artigo é oriundo de uma investigação desenvolvida na redação da dissertação de Mestrado intitulada *Schola Aquitanica (1583): edição bilingue e comentários à luz da Historiografia da Linguística*, defendida no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da

Universidade Federal Fluminense, em 2021 (SANTOS, 2021). A dissertação insere-se em uma investigação na área de Linguística Missionária, no contexto do projeto de pesquisa *Regna Brasillica: o Brasil quinhentista à luz da Historiografia da Linguística*, desenvolvido também no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (Cf. KALTNER, 2020a; 2020b; 2020c; 2020d; 2020f; KALTNER, SANTOS, 2020e). A Linguística Missionária é uma das linhas de pesquisa da disciplina de Historiografia da Linguística (Cf. ALTMAN, 2019; BATISTA, 2019; SWIGGERS, 2013; SWIGGERS, 2019).

O texto aqui apresentado deriva das pesquisas supracitadas e se vincula ao grupo de pesquisas: “Filologia, línguas clássicas e línguas da cultura nacional” (FILIC/CNPq/UFF). Consistem nossas reflexões de forma geral em um modelo de descrição e análise do fenômeno da história do pensamento linguístico no Brasil, tendo como principal recorte temporal a América portuguesa quinhentista, rotulada como “período missionário”. O período missionário quinhentista se caracterizou pela atuação de missionários, sobretudo franciscanos e jesuítas, com formação escolástica e humanística na América portuguesa, com nítida influência da corrente de pensamento do humanismo renascentista português e da política cultural do reinado de D. João III, além da escolástica medieval, fundamento de formação intelectual nas ordens religiosas (Cf. KALTNER, 2016; 2022; KALTNER, 2019a; KALTNER *et al.*, 2019b, KALTNER; SILVA, 2019c; KALTNER, 2019d).

O documento a ser analisado no artigo, o *ScholaAquitanica* (Colégio de Guiena), de 1583, é um dos primeiros planos de estudos humanísticos europeus, tendo se desenvolvido no contexto da França renascentista, mas tendo tido como autor um humanista português, André de Gouveia (1497-1548). Gouveia, que dirigiu na França o Colégio de Guiena, foi o fundador do Real Colégio das Artes de Coimbra, em 1548, que teve como um de seus egressos S. José de Anchieta, SJ (1534–1597). Logo o documento *Schola Aquitanica* teve provável influência na educação humanística de Anchieta, e, por conseguinte, nas primeiras instituições missionárias em que atuou, como o colégio de São Paulo de Piratininga, em 1554.

No artigo, analisamos a oitava classe (*octavus ordo*) da educação humanística no colégio de Guiena, que seria equivalente ao terceiro ano de estudos, quando se iniciava o aprendizado da obra de Cícero, na educação humanística, após o estudo dos *rudimenta* (rudimentos) de gramá-

tica, quando os alunos já dominavam as estruturas nominais e verbais da gramática latina, a *ratio*. Apresentamos a seguir uma transcrição do original, seguido de tradução, na sequência tecemos comentários sobre o texto.

## 2. *O Octavus Ordo do Schola Aquitanica: texto e tradução*

O texto estabelecido aqui encontra-se na dissertação supracitada (Cf. SANTOS, 2021), e deriva de transcrição da fonte primária quinhen-tista, a *editio princeps*, em colação com a edição oitocentista do documento. A tradução que se segue também deriva da pesquisa da dissertação. A oitava classe era o terceiro ano de estudos.

*Octavus Ordo:*

*Octavo ordini, sui sunt libri destinati, unus ex selectis epistolis Ciceronis: alter ex aliquot scenis Terentii: tertius ex Colloquiis Maturini Corderii, cuncti in lectione distributi, singulis diebus ediscendas pueris. Primum itaque horum librorum sibi emunt pueri, quemcunque praeceptor est praelecturus, et simul librum purum. Ex illis domi perpetuo residentibus, in hoc pueri lectionem describunt, quem secum in Ludum ferunt, cum iisdem declinationibus et Rudimentis Grammatices. In auditorio, ubi certas sedes semper habent pueri, primus contextum, quem descriptum domo attulit, legit: secundus expositionem, tertius orationis partes, quartus contextum rursus, et sic deinceps usque ad ultimum. Deinde ad singula contextus verba devenitur. Primus verbum primae orationis enuntiat. Id conjugant pueri, unus Indicativi praesens, alius praeteritum imperfectum: ac ita deinceps alii modi et tempora subduntur.*

*Postremo, quem casum a fronte, unus: alius quem casum a tergo habeat, dicit. Tum aliae partes ejusdem orationis declinantur: earumque accidentia traduntur, exigunturque omnia ad regulas Concordantiae et Constructionis, quae in fine Rudimentorum habentur. Expedita hac, ad alias orationes pergitur, eodemque modo excutiuntur omnes, quotquot sunt. Postremo praeceptor pueros exercet in lectionis locutionibus, Gallice interrogans, et eas varians secundum modos, et tempora, numeros, personas verborum: ut ex hoc, si vales, quomodo dicant, si ie me porte bien, si mon pere se porte bien, si nous nous portons bien, si vous vous portiez bien, si mes compagnons se portent bien, si ie me portois bien, etc. Fecisti mihi gratum. Tu m'as fait plaisir. Cicero me fait plaisir. Tu me feras plaisir, ie te vouloie faire plaisir, etc., et quas videbitur excipere praeciens, quae ipsis usui sint, quando ex praelectis, thema Gallicum paulo longius, die sabbathi proponit, quod domi vertant, et praecipienti omnes reddant Latinum, quum primum in Ludum redibunt.*

*Hora Meridiana, Rudimenta repetuntur, ut a praecceptore explicata memoriae diligenter mandentur.*

*Hora tertia, eadem fiunt, quae octava.*

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

*Post sex menses, praeceptor siquos novit in hac classe, qui ingenio et diligentia longe aliis praestent, monet Ludimagistrum: qui venit in auditorium. Probat pueros, et ducit ad Septimam, qui ex illis digni visi sint.*

Os livros destinados à oitava classe são uma seleção das cartas de Cícero, das cenas de Terêncio e dos colóquios de Marturin Cordier. Essas três obras são divididas em lições cotidianas a aprender de cor. As crianças compram, antes de tudo, o livro que o mestre deve explicar, e ao mesmo tempo um caderno em branco. Eles trazem sempre de suas casas os seus livros e copiam a lição no caderno que eles trazem ao colégio, com as flexões e os elementos de gramática que eles já tinham copiado anteriormente.

No auditório, no qualas crianças têm sempre seus lugares determinados, o primeiro lê o texto que ele copiou em sua casa, o segundo a explicação, o terceiro as partes do discurso, já o quarto relê o texto, e assim por diante até o último. Depois passamos a avaliação das palavras do texto. O primeiro diz o verbo da primeira frase. As crianças conjugam, então, um no indicativo presente, o outro no imperfeito, e assim por diante para os outros modos e tempos. Enfim um deles diz qual é o caso que se encontra antes do verbo, o outro diz qual é o que está depois. Em seguida, declinamos ou conjugamos as outras partes da mesma frase, sinalizamos os acidentes (flexões), e por fim, nós re colocamos todas as regras de concordância e de construção que se encontram no final dos elementos da gramática. Depois da primeira frase nós passamos às outras e as analisamos, todas, sem exceção, da mesma maneira.

No final da aula, o mestre exercita as crianças nas construções que se encontram no texto da lição. Ele interroga em francês ou no vernáculo, e faz variar a construção segundo os diferentes modos, tempos, nomes e pessoas verbais. Por exemplo, a propósito de *si vales* (se estás bem) ele os pergunta como eles diriam em latim *sije me porte bien* (se eu estou bem), *si monpère se porte bien* (se meu pai está bem), *si nousnousportonsbien* (se nós estamos bem), *si vousvousportezbien* (se vós estais bem), *si mescompagnons se portentbien* (se meus companheiros estão bem), *si je me portais bien* (se eu estava bem) etc.

*Fecisti mihi gratum* (tu me fizeste feliz), *tu m'as fait plaisir* (tu me fizeste feliz), *Cicéron me fait plaisir* (Cícero me fez feliz), *tu me feras plaisir* (tu me farás feliz), *je te voulais faire plaisir* (eu queria fazer você feliz) etc. O mestre os faz extrair, à sua escolha, qualquer uma das locuções para que eles tirem proveito do exemplo quando ele ditar um

tema. No sábado, o excerto é um pouco mais longo, retirado das explicações da semana, que eles devem traduzir em suas casas para o latim, devendo entregar tudo ao mestre logo que eles retornarem ao colégio.

Ao meio-dia, nós repassamos os elementos para se gravar, cuidadosamente, na memória as explicações do mestre.

Às três horas, nós fazemos a mesma coisa que às oito horas.

Depois de seis meses, se o mestre distingue os alunos notoriamente superiores aos outros por inteligência e zelo, ele comunica ao diretor. Este vem ao auditório, avalia as crianças e leva para a sétima classe aquelas que lhe parecem merecer.

### **3. Comentários sobre o latim humanístico e a secularização iluminista**

O modelo de ensino humanístico predominou no período renascentista até o período da secularização europeia, com o advento de correntes filosóficas do Iluminismo, no século XVIII, e a modernidade. Assim, no *octavus ordo*, podemos encontrar uma descrição do pensamento linguístico humanístico, que marcou o período anterior à modernidade, no então chamado *Ancien Régime*, ou *early modernity*, conforme a crítica historiográfica (AUROUX, 1992).

O *octavus ordo* marcava um momento no curso de *humanitates*, do Colégio de Guiena, em que os alunos, com cerca de oito anos de idade, já estavam alfabetizados em latim e em francês. Já conheciam os rudimentos da gramática humanística, isto é, a *ratio*, as tabelas de declinação nominal e verbal, as *partes orationis* e já conseguiam analisar sentenças simples, como as que eram aprendidas pelos dísticos de Catão e pelos *Apophtegmatum opus* de Erasmo, de Roterdã (1466–1536). Além disso já haviam estudado nas duas classes anteriores as orações cristãs, alguns salmos bíblicos, tendo a capacidade de interpretar os textos, identificando os casos latinos e o significado dos vocábulos. A educação humanística renascentista era voltada também à teologia, tendo antes sido uma educação humanística cristã, até o secularismo na modernidade.

Essa classe era, assim, um momento de transição para o estudo sistemático da obra epistolar de Cícero, do teatro de Terêncio e dos colóquios do humanista Marthurin Cordier (1469–1574). O repertório desses textos marcava a passagem dos discentes para os primeiros textos clássicos sem adaptação, selecionados pelo preceptor. Havia também obras pa-

ra a conversação em latim, pois as cenas de Terêncio deveriam ser memorizadas e recitadas, com uma encenação performática. A memorização, a cópia e a repetição eram ainda os métodos empregados pelos humanistas no século XVI, a que se acrescia uma análise em pormenores dos textos estudados.

O método humanístico de análise oracional, nesse ponto do curso do Colégio de Guiena, consistia em analisar palavra por palavra de cada texto lido, tendo, dessa forma, uma perspectiva de cunho filológico, empregado na exegese de textos como as cartas de Cícero. A análise termo a termo é uma herança da lógica aristotélica. Cada nome substantivo, adjetivo ou pronome, deveria ser declinado em todos os casos, para a memorização das tabelas nominais, assim como cada verbo deveria ser conjugado, em tempos e modos diversos, preferencialmente de *cor*. Para que os discentes se familiarizassem com os textos, antes esse era traduzido e comentado em francês pelo preceptor, na preleção.

Depois desse exame exaustivo, era natural que o texto de Cícero, uma carta familiar, por exemplo, fosse memorizada integralmente, pela repetição, em sua leitura cotidiana. Nesse aspecto, o texto também era tratado como elemento cênico, e a interpretação vinculava-se à sua declamação, por isso se compreende o estudo de Terêncio junto a Cícero, e os colóquios de Cordier, que nada mais eram do que pequenos diálogos para serem empregados em sala de aula, em aulas de conversação, ou na rotina de convívio entre os discentes.

Por fim, a última tarefa dos discentes seria compor pequenos textos tendo por base a obra de Cícero estudada. Aprendiam a técnica da emulação, ao realizar pequenos jogos textuais, alterando o texto de forma própria em novas composições. A partir do texto, exercícios de versão se desenvolviam também, com a alternância entre o francês e o latim.

Esse modelo de ensino humanístico teria predominado até o período subsequente na história do pensamento linguístico, quando a secularização traz as inovações da modernidade. À época dos enciclopedistas, teremos uma mudança no sistema empregado pelos humanistas, com maior influência de *Comenius* no ensino de latim, a partir de autores como César Dumarsais (1676–1756), por exemplo, já na França iluminista.

Do período humanístico para o período iluminista, uma das continuidades mais marcantes é a influência da obra de Cícero no ensino de latim, todavia, a memorização deixa de ser um dos principais métodos de abordagem do texto latino. As obras de Cordier, por exemplo, entram em

desuso, e já Terêncio não possui mais tanto relevo e prestígio como Cícero no século XVIII, pois, para os iluministas a principal competência a ser desenvolvida era a leitura e não o uso do latim para a fala ou para a escrita. A tradução torna-se um elemento crucial no processo de ensino da língua latina, diferentemente da época renascentista, quando era apenas um veículo para se chegar ao texto no original. Na modernidade, falar em latim torna-se obsoleto, e as edições bilíngues tornam-se cada vez mais difundidas, assim como a prática de crítica textual, a Filologia moderna.

A partir do século XVIII, a memorização cede espaço ao raciocínio crítico, à especulação filosófica, e a emulação não é mais importante para o ensino. Interpretar os clássicos é mais importante que imitá-los e, para isso, o uso da língua vernácula é fundamental, como instrumento de análise. A partir da secularização iluminista, a adaptação do pensamento dos chamados autores antigos permitirá a especulação racionalista e filosófica, sem o apoio na teologia, como os humanistas do período renascentista desenvolveram. A modernidade simplifica o processo de ensino de latim, tornando acessível o conhecimento e permitindo uma maior produção de conhecimento sobre os autores rotulados, então, como antigos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Cristina. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. In: \_\_\_\_\_. *Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 19-44

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. de Eni Puccinelli. Campinas: Orlandi. Campinas-SP: Unicamp. 1992.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Historiografia da Linguística e um quadro sociorretórico de análise. In: ALTMAN, C. *et al. Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 81-114

KALTNER, Leonardo Ferreira. Latin in colonization of sixteenth century Brazil. *Cadernos de Letras da Uff*, n. 26 (53), p. 39-60, 2016.

\_\_\_\_\_. As ideias linguísticas no discurso De Liberalium Artium Studiis (1548). *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 56, p. 197-217, 2019a.

*Octavus Ordo*; SANTOS, M. C. S.; TEIXEIRA, V. L. Gaspar da Índia: o língua e o Brasil quinhentista. *Confluência*, v. 57, p. 9-35, Rio de Janeiro,

2019b.

\_\_\_\_\_.; SILVA, S. C. S. Gramáticas e gramaticografia: uma análise pela Historiografia Linguística. *Revista Philologus*, ano 25, n. 75, v. 2 p. 1564-72, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2019c.

\_\_\_\_\_. O Brasil quinhentista e a Historiografia Linguística: interfaces. *Cadernos do CNLF*, n. 23, p. 424-39, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2019d.

\_\_\_\_\_. Monumenta Anchieta à luz da Historiografia Linguística: o trabalho filológico de Pe. Armando Cardoso-SJ (1906–2002). *Cadernos de Linguística da Abralin*, ano 1, n. 1, p. 1-15, 2020a.

\_\_\_\_\_. *O pensamento linguístico de Anchieta e de Carl von Martius: estudos historiográficos*. Ponta Grossa: Atena, 2020b.

\_\_\_\_\_. Por uma edição crítica da gramática de Anchieta (1595). *Revista Philologus*, ano 26, n. 76, v. 2, p. 717-31, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2020c.

\_\_\_\_\_. Regna Brasillica: contextualização da Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil (1595). *Revista da Abralin*, n. 19, p. 1-25, 2020d.

\_\_\_\_\_.; SANTOS, M. C. S. Schola Aquitanica e a gramática de Despauterius: intertextualidades. *Revista Philologus*, n. 76, v. 2, p. 750-9, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2020e.

\_\_\_\_\_. The Grammar Corpus in the Horizon of Retrospection of S. José de Anchieta, SJ (1534-1597). *Global Journal of Human-social Science: G Linguistics & Education*, n. 20, p. 37-44, 2020f.

\_\_\_\_\_. The place of Anchieta's Grammar in the history of linguistic thought in Brazil. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. e610, 2022. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/610>. Acesso em: 14 fe. 2022.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em Historiografia da Linguística. *Revista da Anpoll*, n. 2, p. 45-70, 1996.

SANTOS, Melyssa Cardozo Silva dos. *Schola Aquitanica (1583): edição bilingue e comentários à luz da Historiografia da Linguística*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Niterói-RJ, 2021. 107p.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência*, n. 44-5, p. 39-59, Rio de Janeiro, 2013.

SWIGGERS, Pierre. Historiografia da Linguística: princípios, perspectivas e problemas. In: ALTMAN, C. *et al. Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 45-80